

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**GENI BONTURI PAIVA**

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O INÍCIO DE UM LEITOR PROMISSOR**

**CAMPINAS**

**2017**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**GENI BONTURI PAIVA**

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: O INÍCIO DE UM LEITOR PROMISSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
exigência parcial para o curso de Pedagogia  
da Faculdade de Educação – UNICAMP  
sob orientação do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

**CAMPINAS**

**2017**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE  
DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

P166c Paiva, Geni Bonturi, 1990-  
Contaçon de histórias : o início de um leitor promissor / Geni Bonturi Paiva. –  
Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Guilherme do Val Toledo Prado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Arte de contar histórias. 2. Leitura. 3. Leitores - Formação. I. Prado,  
Guilherme do Val Toledo.,1965-. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

Dedico este trabalho ao  
meu amor, Vladmir e  
minha família Elvira,  
Nilson e Adriana.

Agradeço, sempre, primeiramente a Deus, porque toda Honra e Glória pertence a  
Ele e mais ninguém.

Agradeço à Ele pela capacitação, força, sabedoria e paciência nesses anos de  
graduação.

Agradeço aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar mais e mais.

Agradeço ao amor da minha vida, Vladimir, pelo incentivo e pelo apoio nessa  
caminhada.

Agradeço aos amigos que lutaram essa batalha que se chama Unicamp.

Agradeço aos professores que fizeram diferença nos meus estudos.

“Mas os poços da fantasia acabam sempre por secar e o contador de histórias, cansado tentou escapar como podia: o resto amanhã... Já é amanhã.”

Lewis Carroll

## RESUMO

A leitura sempre fez parte do cotidiano do ser humano. Desde os tempos mais pré-históricos, o Homem sente a necessidade de passar suas histórias para o próximo como forma de preservação de sua cultura e identidade. A contação de histórias fez e faz parte desse processo como o meio que interage e proporciona essa vivência para que o desenvolvimento humano seja contínuo e exponencial. Para as crianças, a contação de histórias é a ponte entre o imaginário e o real, é a partir dela que relações são estabelecidas na mente, criando bagagens culturais para que inúmeras associações simbólicas sejam criadas com a vida. Crianças ouvem histórias sendo contadas desde pequenas, desde quando ainda estão na barriga de suas mães. Essa conexão literária no inconsciente da criança traz à tona o gosto pela leitura, tanto o ouvir como o próprio ler. Quanto mais cedo estimuladas, mais elas irão se desenvolver melhor e com mais desenvoltura. A partir dessa visão, este trabalho teve como objetivo entender como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento leitor de crianças. O projeto foi desenvolvido em uma escola periférica de Campinas no 1º ano dos anos iniciais. A metodologia utilizada para este trabalho foi uma abordagem qualitativa, pelo procedimento da pesquisa participante.

Palavras chave: contação, história, leitura, desenvolvimento.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	pág 09
2. Contação de histórias: Um breve panorama.....	pág 10
3. Fundamentação teórica:	
3.1 Uma possível definição de leitura.....	pág 19
3.2 A importância da leitura.....	pág 22
4. Projeto de Contação de Histórias e Leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.....	pág 29
5. A leitura como forma de aprendizagem e prazer na escola.....	pág 37
6. A biblioteca e a sala de leitura como lugares inexplorados.....	pág 45
7. Considerações Finais.....	pág 50
8. Bibliografia.....	pág 53

## **1. Introdução**

O ato de contar histórias faz parte da humanidade desde sempre, a tradição oral vem antes da leitura para perpetuar tradições, continuar mitos e lendas e assim manter viva a história de um povo. Essa tradição nem sempre esteve ligada à escrita, mas com a entrada da escolarização, foi necessária trazer a ligação entre a leitura e a tradição oral para registros e aprendizado.

Sendo o aprendizado e desenvolvimento, o foco de um professor em seu aluno, a contação de histórias cabe como uma ferramenta para esse crescimento na habilidade leitora, assim como um despertar para surgirem novos leitores interessados por livros.

Este trabalho possui como foco o estudo de caso de uma escola pública de Campinas na perspectiva da contação de histórias e a influência leitora na criança a partir destas práticas

Neste trabalho, o objetivo é entender qual a importância da contação nesse processo leitor em crianças que estão nos Anos Iniciais da escolarização. Dentro deste objetivo geral, encontramos também questionamentos que interferem na prática leitora dos alunos como o uso da biblioteca, o estímulo à leitura e a preparação dos profissionais.

Como esses professores podem estimular a leitura desses alunos? Qual a importância de desenvolver essa habilidade? Por que a leitura como contação muitas vezes é mais interessante do que a leitura de um livro individualmente?

Frente a essas questões, este trabalho irá dissertar sobre as causas e consequências da contação de histórias.

## **2. Contação de história: Um breve panorama e sua importância**

Em um mundo cada vez mais tecnológico, onde o que chama a atenção de crianças e adultos não são coisas simples e verdadeiras, e sim apenas explosões barulhentas e cheias de luzes ofuscantes e telas cada vez maiores e com cores cada vez mais vibrantes, a arte de contar histórias poderia ter se perdido neste meio evolucionista e ser mais uma esquecida e engolida pelas mudanças de tempo.

Fato que não aconteceu, mas que está encontrando seu espaço dentro dessas novas tecnologias e obviamente, com essa mudança, os ouvintes mudaram também, sendo cada vez mais exigentes e ansiosas.

Contar histórias remete aos tempos mais antigos, onde a escrita ainda não existia, mas as histórias eram contadas oralmente encantando povos do mundo todo. Antes da escrita, poemas e estórias eram declamadas em praças públicas ou contadas nas casas das pessoas onde a tradição oral perpetuava.

O conto oral é uma das mais antigas formas de expressão. E a voz constitui o mais antigo meio de transmissão. Graças à voz, o conto é difundido no mundo inteiro, preenche diferentes funções, dando conselhos, estabelecendo normas e valores, atentando os desejos sonhados e imaginados, levando às regiões mais longínquas a sabedoria dos homens experimentados (PATRINE, 2005, p.118 apud CÉSAR. et al. 2014, pág 37.)

A partir da oralidade, a cultura ia sendo passada de gerações para gerações, criando o conhecimento popular, onde pela vida das histórias, todos tem acesso a esse saber. Pais que contam aos seus filhos histórias que eles ouviam quando crianças contadas por seus pais e que assim segue.

Receitas caseiras para gripe que somente os mais velhos sabem como cuidar e tantos outros saberes. A tradição oral, baseada na memória, sendo cultivada, tem o poder de resgatar histórias que poderiam se perder pela falta da escrita.

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4 apud MATEUS, et al, 2014).

Antigamente, do século XVII para o XVIII, a criança ainda era vista como um pequeno adulto, com deveres, tarefas e cuidados feitos para alguém mais velho, assim como também a sua literatura não era exclusiva para sua faixa etária, os mesmos livros eram compartilhados por todos, independentemente da idade.

Já no século XVIII, a escola teve grande importância na aquisição de uma mentalidade diferente para as crianças. Contar histórias como forma educativa teve seu papel nesta época, onde professores começavam a produzir uma literatura feita para os pequenos.

Essa arte contribui para a formação de crianças autônomas, felizes, interessadas pela vida, críticas, cheias de criatividade. A contação atrai o olhar da criança para o lúdico, para algo que é diferente do que muitas vezes ela está acostumada à tecnologia, aos tablets e computadores, onde o estímulo que prende a atenção da criança está baseado nas luzes e brilhos em alta definição e não no conteúdo propriamente dito.

A contação de histórias é importante para a construção de conhecimentos e valores, para a construção do ser humano, a busca pelo nosso interior, representação para

nossas inquietações, transmissão de valores e morais, etc. Dentro da educação, a contação tem papel importante no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e leitor da criança.

A contação de histórias é também uma atividade comunicativa. Através dela, o ser humano transfere costumes, tradições e valores moldados para promover a formação do cidadão, assim como essas mesmas histórias para a criança, gera o mesmo efeito. Por ser uma atividade que envolve a voz, é necessário criar um ambiente em que possa possível ser criado o encantamento, alegria, emoção, suspense, no qual o enredo e os personagens ganham vida, transformando tanto o narrador como o ouvinte.

O ato de contar histórias deve contagiar todos os sentidos de quem ouve, tocando o interior do humano e se relacionando com as experiências vividas de cada um. O ouvir histórias recorda em cada um a bagagem cultural, estabelecendo relações que se formam na mente, enquanto a história é contada. “Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (BUSATTO, 2003, p. 10 apud SCHNEID).

Contar histórias também auxilia no imaginário da criança, que é essencial para a concepção da realidade. A ponte que se cria entre o real e o imaginário ajuda a criança a enfrentar situações diversas da vida em seu subconsciente, criando a partir da estória e suas experiências, valores e conclusões que a ajudam na vida.

A imaginação da contação também se liga ao fato da criança conseguir transportar os personagens para a vida real, onde ela mesma pode fazer parte da história, dando até novos significados para a transposição.

Contar histórias parece uma tarefa fácil, mas não é, muitos acreditam que somente ler um texto em voz alta ou com alguma entonação diferentes significa contar uma história, mas ela está muito além disso, é transpor o seu ouvinte para outro mundo, onde ele se encontra consigo mesmo nos personagens, pensa e repensa a sua vida, onde ele se descobre, aprende e desaprende. É onde o ser se encontra com outras vidas.

No ato de contar, o contador tem que fazer a platéia acreditar que se a história não aconteceu com ele (no caso da história narrada na 1ª pessoa), ele foi ao menos testemunha (ocular) do fato, e isso é o que lhe confere propriedade para contar (SISTO, 2001: p.46 apud SANTOS, 2007).

Para se contar bem uma história, Sisto (2001 apud SANTOS, 2007) nos traz elementos que devem ser observados e seguidos quando queremos contar uma história com propriedade:

1. **Emoção:** É o principal elemento para se contar bem uma história! Se a história que eu vou contar me apaixonou, certamente ela vai sair de mim e chegar até o público. Não esquecer que emoção não é traduzida somente pelo choro!

2. **Texto:** O conhecimento do texto está diretamente ligado à segurança. Para isso é preciso ler e reler muitas vezes. Sair da leitura superficial e partir para uma leitura na vertical, em profundidade. Reconhecer as partes formadoras do texto (Introdução, Desenvolvimento, Clímax, Desfecho). Perceber que um texto é feito de blocos. Dominar a seqüência dos fatos. Construir, minimamente, um roteiro da história.

3. **Adequação:** Não esquecer que uma história, para ser contada, precisa estar adequada ao público, ao espaço onde vai ser contada e ter uma linguagem acessível, mas que não descaracterize o estilo do texto.

4. **Corpo:** O estudo dos gestos está dividido em três grandes possibilidades expressivas: ilustrativos, enfáticos e sintéticos. O gesto ilustrativo é o mais comum e o mais usado. Ele é descritivo e por isso mesmo de fácil e rápida decodificação. Esse tipo de gesto age em cima de conceitos (idéias) já coletivizados; foram criados por outros, mas são utilizados por muitos, embora sua raiz autoral esteja para sempre perdida. Aprendemos esses gestos por causa de seu uso generalizado. Seu convencionalismo é tão amplo que ele acaba adquirindo uma certa mecanicidade, cristalizando uma forma e originando um gesto clichê. Esse gesto visa à concretização do objeto ao qual se refere. Exprime mais a idéia objetiva que fazemos das coisas; forma-se no nível das estruturas de significação mais diretamente ligadas à realidade objetiva (e coletiva), como, por exemplo, desenhar com as mãos ou com o corpo o formato de

um objeto que está sendo verbalizado. Ou, ainda, a dar forma a códigos amplamente difundidos e aceitos para expressar idéias gerais, como dormir, em que apoiamos a face sobre a palma da mão ou sobre as duas mãos juntas e estendidas. Devido a sua maior universalidade, o gesto ilustrativo faz surgir um jargão gestual que dá lugar a signos padronizados. Os gestos de tal conjunto tendem a se estruturar de forma esquemática, a tal ponto que a idéia pessoal do narrador deixa de ser percebida para dar lugar a gestos uniformizados e convencionais, e por isso mais previsíveis. Os gestos enfáticos são gestos de força; gestos para reforçar o que estamos dizendo, para chamar atenção sobre aquilo que queremos destacar. São mais inconscientes e mais arbitrários, porque são desprovidos de sentido se dissociados da palavra proferida. Comumente, são gestos que exprimem o juízo que fazemos das coisas; são manifestações “inconscientes” da nossa emoção diante da grandeza, intensidade, amplitude de algo, como, por exemplo, o gesto de colocar as duas mãos com as palmas frente a frente, afastadas uma da outra no plano horizontal para significar o grande tamanho de alguma coisa. Os gestos sintéticos são mais simbólicos porque se referem a uma metáfora. Formam-se nas estruturas de significação mais seletivas, e por isso passam a ser a expressão pessoal de algo que está sendo dito. Não são universais, não são de convenção da coletividade. Exprimem um valor pessoal, subjetivo do narrador em relação àquilo que ele diz. São mais originais porque são pessoais.

5. **Voz:** A voz inclui elementos como o timbre, a altura, o ritmo, a intensidade. O contador de histórias deve encarar a voz como um prolongamento do corpo, como um membro a mais. Com a voz também se faz coisas que a princípio estariam na esfera do corpo: tatear, acariciar, afagar, socar, etc.

6. **Olhar:** É o cordão umbilical que liga o contador de histórias à sua platéia! O contador de histórias tem que ter seus sentidos sempre duplicados: ele olha para si e para o público ao mesmo tempo, sem se esquecer de olhar para a história que está contando. Sem essa perspectiva, a contação de história não nasce!

7. **Espontaneidade/Naturalidade:** Contar histórias não é empostar a voz como se estivéssemos declamando; também não é a mesma coisa que bater papo com um amigo na esquina, nem ficar com o corpo imóvel e duro como se fosse um dois de paus! É falar normalmente, com emoção e volume de quem fala para uma platéia! A naturalidade está muito relacionada à segurança do texto que é adquirida nos ensaios preparatórios. Quando o contador de histórias sabe o que vai dizer e sabe que está preparado para isso, a naturalidade é “natural”!

8. **Ritmo:** Toda história tem uma sequência rítmica que começa a vigorar no momento em que o contador abre a boca. Cada parte da história exige uma “orquestração” diferente. Um ritmo que se usa para introduzir os elementos que serão desenvolvidos numa história não pode ser o mesmo utilizado quando a história vai se aproximando do seu ápice ou de seu momento de impasse. Portanto, o contador, ao estudar o texto para ser contado, tem que saber depreender a partitura rítmica de sua história.

9. **Clima:** Nenhuma história tem o mesmo clima do início ao fim. O clima varia de acordo com o episódio (bloco) que está sendo narrado. A manipulação dos climas de uma história faz parte da perspicácia do contador de antecipar que efeitos ele quer atingir naquele momento em sua platéia, para que o prazer com a história seja cada vez maior.

10. **Memória:** Não é simplesmente decorar o texto; é memorizar, saber, guardar a sequência da história e fazer despertar em si toda a emoção no momento exato para cada passagem adquirir o máximo de

expressividade. O contador não é obrigado a conhecer a emoção exata de tudo o que conta, para isso existe a possibilidade de transferência de emoções, que no teatro chama-se memória afetiva. É só ir buscar em suas vivências algum fato que guarde em si aquela emoção necessária para aquele momento da história e transferi-la para lá.

**11.Credibilidade:** O contador tem que fazer a platéia acreditar naquilo que ele conta, por mais inverossímil que possa parecer. Se ele não viveu a história, pelo menos tem que fazer o ouvinte acreditar que ele viu a história acontecer na sua frente, que ele foi testemunha ocular. (conforme já foi dito anteriormente).

**12.Pausas e silêncios:** Não é uma interrupção na história sem nenhum propósito. É uma suspensão da fala com o objetivo de intensificar o efeito, de ampliar o impacto do que acabou de ouvir, tempo para construção da imagem mental. Por isso, é que dizemos, como no teatro, que toda e qualquer pausa numa história tem que ser uma pausa preenchida, cheia de significações, com uma emoção que fica pulsando no ar, mesmo no silêncio. Normalmente uma pausa é mais breve. O silêncio tem uma duração maior.

**13.O elemento estético:** O que falta aos novos contadores de histórias é um senso estético. Só de posse disso é que se torna possível transformar uma história num espetáculo. Essa noção do espetacular é que faz a diferença. Do contrário, a história estará simplesmente dita ou declamada e não contada! (SISTO, 2001: p.51-57, apud SANTOS, 2007).

Estes elementos explicados acima nos dão valor e integridade para aproveitar de maneira mais profunda a contação de histórias. Cada parte nos leva a sermos mais proficientes como educadores e formadores de futuros leitores.

Agora não parece tão simples contar uma história. Mas na verdade, o dom de contar é algo que como qualquer profissão, deve ser trabalhado e aperfeiçoado. Professores que contam histórias a seus alunos, se cada vez, buscarem o conhecimento para que aquela experiência seja marcante na vida do aluno, mais ele melhorará como contador e assim atingirá ainda mais seus alunos e seus objetivos.

Um bom contador de histórias é aquele que desaparece no meio da história, onde ele não é a parte principal e sim a própria história. As pessoas vão até ele para ouvir histórias, para se maravilhar com o que é contado. Quando isso acontece, é mostrado que esse contador se apropriou do conto e conseguiu de maneira eficaz, prender a atenção do ouvinte com a história.

Antes da história há o contador, sua imagem, sua empatia com o público a quem se dirige. Durante a história há só a história, falando por si mesma. Nesse momento espera-se que o público avisado queira apenas o desfrute da fantasia (SISTO, 2001, p.39 apud SANTOS, 2007).

Mas é natural que o público fique impressionado e apaixonado pelo contador, pois sua maneira cativante de narrar uma história chamam a atenção e o olhar dos ouvintes. Isso não quer dizer que o que foi contado foi menos significativo.

No ato de contar, o contador é dono de tudo: da figura do narrador que ele assume, dos diálogos, das vozes dos personagens, das ambientações, dos ritmos, das pausas. E deve exercer essa “onipotência” da melhor forma possível, dando vida e colorindo o que for preciso para a história saltar dele e chegar até o outro (SISTO, 2001: p.46, apud SANTOS, 2007).

Muitos confundem o ator com um contador de histórias, mas sim a contação utiliza de técnicas teatrais para apresentar uma história, mas nada comparada a um ator que se desenvolveu especificamente para um outro foco que não é contar histórias. As técnicas do teatro são usadas para que o contato entre o real e o imaginário se torne cada vez mais estreito e o ouvinte mergulhe na história.

Antigamente, do século XVII para o XVIII, a criança ainda era vista como um pequeno adulto, com deveres, tarefas e cuidados feitos para alguém mais velho, assim como também a sua literatura não era exclusiva para sua faixa etária, os mesmos livros eram compartilhados por todos, independentemente da idade.

Já no século XVIII, a escola teve grande importância na aquisição de uma mentalidade diferente para as crianças. Contar histórias como forma educativa teve seu papel nesta época, onde professores começavam a produzir uma literatura feita para os pequenos.

No Brasil, Monteiro Lobato foi o grande precursor desse movimento de literatura brasileira para criança. Antes, recebíamos histórias traduzidas da França, Alemanha,

Espanha, Itália contos como dos irmãos Grimm, Andersen. Lobato conseguiu chegar em todo o país com suas histórias que envolviam a imaginação, o folclore e o Brasil.

Quando escolhemos uma história para contar, devemos levar em conta a faixa etária daquela criança. Segundo André Gazola, professor e fundador do site lendo.com, existem certos tipos de histórias que são recomendados de acordo com a idade:

### **Pré-escolares: até 3 anos**

- Histórias de bichos.
- Contos rítmicos que sejam leves, lúdicos, bem-humorados e curtos.
- Cantigas de ninar.
- Veja dicas de livros para faixa etária de 3 anos.

### **Fase pré-mágica: de 3 a 6 anos**

- Histórias de bichos.
- Pequenos contos de fadas com enredo simples e poucas personagens.
- Poemas simples.
- Trava-línguas.
- Parlendas.
- Cantigas de rodas.
- Veja dicas de livros para a faixa etária de 5 anos.

### **Fase escolar: 7 anos**

- Histórias de crianças, animais e encantamentos.
- Contos de fadas mais elaborados.
- Aventuras no ambiente próximo: família e comunidade.

### **Fase escolar: 8 anos**

- Histórias humorísticas.
- Contos de fadas mais elaborados.
- Lendas folclóricas.

**Fase escolar: 9 anos**

- Mitos.
- Contos de fadas mais elaborados.
- Antigo testamento como mito.
- Histórias verídicas.
- Histórias de humor.

**Fase escolar: 10 anos**

- Mitos.
- Mitologia nórdica.
- Narrativas de viagens.
- Histórias verídicas.

**Fase escolar: 11 anos**

- Mitos (hindus, persas, árabes, egípcios).
- Narrativas de viagens.
- Histórias verídicas.
- Mitos de heróis.

**Fase escolar: 12 anos em diante**

- Narrativas de viagens
- Histórias verídicas
- Biografias e romances

Contar histórias com propriedade requer uma bagagem histórica e teórica para que todos os objetivos possíveis do momento da contação sejam atingidos. Neste capítulo, tratamos como esta arte continua sendo importante para o desenvolvimento leitor da criança e como estar preparado modifica o curso leitor do indivíduo.

Estudar cada vez mais sobre este assunto e estar habilitado para produzir nas crianças reações através das histórias, necessita de uma base teórica para acontecer da melhor maneira possível.

### **3. Fundamentação Teórica**

#### **3.1 O que é leitura?**

##### **A palavra mágica**

Vou procurá-la a vida inteira no mundo todo.  
Se tarda o encontro, se não a  
encontro, não desanimo, procuro sempre.  
Procuro sempre, e a minha procura  
ficará sendo a minha palavra.  
(Carlos Drummond de Andrade)

O “saber ler” que muito se ouve na infância, quando a criança está dando seus primeiros passos no mundo da leitura em que se aprende as letras, as palavras escritas e o “formar leitores” tem uma grande diferença que se não levada em conta se torna apenas um ato mecânico de reproduzir palavras escritas em um texto.

Formar leitores vai muito além de ler palavras e sim atribuir significado para todo um contexto em que ela se insere. Crianças leem desde sempre, não da forma que se imagina na escola, mas elas leem o mundo ao redor e seu comportamento dentro dele.

Paulo Freire já dizia que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra, e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela”.

A leitura tem como responsabilidade ajudar o indivíduo a se formar um ser social, interpretar a sociedade, a vida, os diversos significados que temos no nosso dia a dia, e assim relacionando consigo mesma.

O ato de ler e ouvir vai muito além de estar dentro de uma escola aprendendo as letras, os fonemas, as sílabas, como as palavras se formam, assim montando frases e textos. Está relacionado e representado pela escrita, mas não nos limitando a ela, pois outras formas de leitura estão presentes no mundo como som, arte, gestos, cheiros, olhares e etc.

A leitura está ligada a leitura do mundo, a ferramenta que dá acesso ao conhecimento que está em seu mundo. É um processo ativo que o leitor melhora sua compreensão do mundo, trazendo também individualidade às interpretações.

Não é possível definir “leitura” apenas como a decodificação de símbolos, pois a leitura vai muito além disso, estaríamos minimizando seu papel e sua importância, trazendo apenas como o ato de interpretar símbolos.

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física.

(LEFFA, pág. 10, 1996)

Martins (2006) considera a leitura como “um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas não importando a linguagem”. Considerando essa definição, a leitura para uma criança está ligada ao mundo em que vive e o que a partir disso, se cria um significado para o que ela está ouvindo e lendo. Através de um texto escrito ou de um livro somente com imagens, a leitura está sendo produzida.

De acordo com Leffa (1996),

A acepção de que ler é atribuir significado, põe a origem do significado não no texto mas no leitor. O mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade. (LEFFA, 1996, p.14)

A leitura atribuindo significados distintos para cada leitor encontra-se na observação da realidade. De acordo com Freire, a leitura do mundo está intrinsecamente ligada a leitura do mundo, mas ela só será completa quando o ser tem o domínio completo da palavra.

"Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista."(LALOJO,1982,p.59)

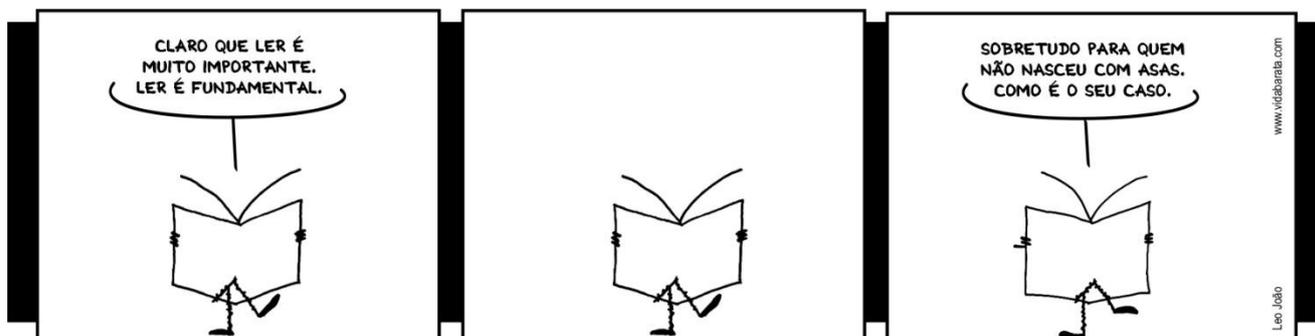
Pela leitura ser também um processo social, o leitor realiza uma imersão na produção de sentidos e relações, que o ajudam a se tornar um ser social, pensante, racional e culto. Trazendo também valores que se moldam ao sentido e a bagagem de vida que o próprio indivíduo traz.

Pensando na teoria que Vygotsky (1993) trazem sobre a leitura e seu processo de construção, em que o leitor é um ser social e individual que está lendo um texto que é um produto individual, localizado em um contexto histórico e social, escrito pelo autor que também está determinado e influenciado em um momento histórico, relacionado com as práticas sociais e culturais deste diálogo, entende-se que a olhar somente a leitura como algo simplificado não é possível mais e se ainda se pensa assim, é necessário rever os conceitos.

Sendo assim, a leitura também não é um ato solitário, uma prática individual, mesmo quando um indivíduo está lendo um livro sozinho, ele também está com outros elementos que influenciam aquela leitura, sendo o autor do texto, os personagens, a

própria vivência do leitor que o faz questionar e entender a história e seus valores de uma maneira pessoal e social.

## 2.2 A importância da leitura na infância



A leitura na infância é muito importante pois ela constrói a base para sermos no futuro leitores ativos. Essa estimulação deve acontecer o quanto antes na vida da criança, ela traz benefícios que, talvez, no momento não sejam vistos, mas que marcarão a história literária da criança para sempre.

Essa prática realizada no período onde a criança está desenvolvendo a imaginação, a criatividade, a sua própria personalidade, onde novos universos são descobertos cria um ambiente propício para o crescimento leitor.

A família e a escola têm papéis fundamentais nesta jornada na leitura com a criança. A família, sem dúvida, é uma das partes importantes para que esse desenvolvimento aconteça de maneira plena.

Diversas pesquisas no mundo mostram que quanto mais cedo, a criança tem o contato com livros e a leitura, melhor ela se desenvolverá no futuro. Quando a família tem o hábito de contar histórias para a criança, essa habilidade tende a ampliar de maneiras diversas como na fala, na escrita, no raciocínio lógico.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo [...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve [...] (ABRAMOVICH, 1993)

O ato de ler que é estimulado desde a infância, mostra para essa criança que ler pode ser prazeroso e não maçante como muitos adultos acham por não terem paciência de ler ou por acharem os livros muito difíceis. Se essa criança é incentivada desde sempre, ela provavelmente será um adulto mais dinâmico, culto, com mais facilidade de interagir com o seu mundo.

Desde a gestação, quando a mãe canta para seu bebê, ela já está influenciando e estimulando o hábito leitor na criança. Segundo Dickinson (2011 apud CSUCSULY , 2013),

A contribuição da leitura desde o berço faz com que a criança promova sucesso na leitura em longo prazo, provocando um forte impacto no desenvolvimento da linguagem e da cognição da criança.

(DICKINSON, 2011, apud CSUCSULY, 2013.)

O que acontece muitas vezes é que esse estímulo não acontece, aqui não estamos colocando culpa em ninguém. O que acontece é muitos pais e responsáveis não sabem como ajudar seus filhos nessa área, seja por falta de tempo, por falta de oportunidade de estudo, quaisquer que sejam os fatores, eles não possuem as mesmas ferramentas que uma escola e professor tem para ajudar a criança.

Não se pode desconsiderar também que mesmo na realidade de um país que ainda temos analfabetos tanto funcionais como absolutos, a leitura não é feita apenas pela leitura de letras. A leitura do mundo e o conhecimento popular são ferramentas que são utilizadas diariamente para fazer a leitura da sociedade em que vivemos.

Tomamos por exemplo, um pai que nunca foi a escola, mas sabe todas as cores do arco-íris e ensina seu filho sobre como o arco-íris surge e como suas cores são diferentes. Ou um índio que não foi alfabetizado, mas que segundo suas origens, explica como o Sol e a Lua iluminam sua tribo.

A sociedade considera aquele que é culto, aquele que lê muito, que se apropria do conteúdo que está disponível para que haja um desenvolvimento pessoal. Para uma criança que tem disponível uma grande quantidade de livros e estímulos, o que se espera é que essa criança tenha um crescimento melhor do que outras que por diversas condições, não possuem o acesso ao livro.

A leitura segundo Solé (1998, p.22 apud ZEIDAN, 2012) “é um processo de interação entre o leitor e o texto e nesse processo, o leitor satisfaz a sua necessidade de informação”.

Pensando no que é considerado culto, a leitura proporciona a formação de cidadãos críticos onde este quesito é necessário para viver em uma sociedade onde deve-se ser aplicada a cidadania para exercer a própria voz e compreender as que fazem parte da sociedade. Ela está ligada às vivências de cada um assim produzindo sentido em grupo e individualmente.

Podemos entender que cada texto é uma nova escrita. A partir desse pensamento, é possível compreender que cada criança cria um novo texto quando ouve uma história colocando seus pensamentos e entendimento sobre o que vivenciou.

A leitura é importante pois através dela nossa imaginação seja estimulada, nosso conhecimento é aumentado, nossa capacidade de codificação é melhorada, dinamizamos nosso raciocínio e interpretação.

Os benefícios do hábito leitor são inúmeros como vocabulário diverso, facilidade com a leitura e escrita, estimula a criatividade, simplifica a compreensão das coisas.

O vocabulário de alguém que tem a leitura como seu melhor amigo é amplo e diversificado levando-a ter um bom desenvolvimento linguístico consequentemente possuir uma enorme quantidade de informações sobre diferentes assuntos, mostrando como aplicá-las em cada momento.

Ler para as crianças cria um vínculo afetivo, um momento de intimidade e convívio, tanto dentro da escola como em casa. As crianças que desde pequenas são estimuladas a lerem ou a ouvirem histórias, desenvolvem mais rapidamente, segundo pesquisas, a linguagem, a escrita, o raciocínio cognitivo e etc.

Imagine que uma criança ouviu uma história sobre um elefante, mas ela nunca tinha visto um elefante na realidade, mas quando foi a um zoológico, reconheceu o animal pela descrição e pelo desenho que havia naquele livro que a professora leu. Essa ponte entre o imaginário e o real é uma das formas que a criatividade e o lúdico se conectam através da leitura.

A psicóloga Frinéa Brandão, coordenadora do Grupo Neurofocus Psicoterapias (RJ), explica que “se você olhar para os olhos de uma criança quando está contando histórias, vai perceber que eles são ora de admiração, ora de medo e excitação. Isso acontece porque elas estão também aprendendo realidades internas emocionais.”

A criança através das histórias também está sendo afetada neurologicamente pois o ato de contar histórias libera hormônios de prazer e relaxamento, diminuindo os aspectos de solidão. Então podemos concluir que a leitura não influencia apenas na vida acadêmica da criança e sim também na vida social e pessoal dela.

Bamberger explica que “ a leitura impulsiona o uso e o treino de aptidões intelectuais e espirituais, como fantasia, o pensamento, à vontade, a simpatia, a capacidade de identificar etc.” (2002, pág. 32 apud COELHO, 2015).

Cada vez mais vivemos em um mundo onde as tecnologias tomaram o lugar dos livros, deixando cada vez mais crianças presas aos tablets e jogos, que resulta em pessoas desinteressadas pela leitura, com vocabulários, na maioria das vezes muito pobre.

Segundo Braga (2005)

No Brasil, o nível de consumo de material impresso, os livros, ainda é muito baixo, e os motivos para tal situação são vários: analfabetismo, baixo poder aquisitivo, ausência de uma política cultural contínua e eficiente e, talvez o que possui peso relevante hoje – a influência dos meios audiovisuais de comunicação de massa.

(BRAGA, 2005, p.66)

Apesar desta realidade, a persistência da busca da leitura não deve ser deixada de lado, pois os benefícios que ela traz são inúmeros para cada cidadão. Em uma sociedade letrada, saber ler o mundo que vive e saber ler através das palavras são elementos necessários.

A escola tem o seu papel na criação da importância da leitura pois é nesse espaço que a maioria tem seu primeiro contato com um livro, com a palavra escrita, com a representatividade das imagens. Ela tem como função desenvolver nessas crianças a competência leitora para que se tornem esses adultos críticos e cultos, com gosto pela leitura.

Mas o problema é que a maioria das vezes, a escola se prenda a alfabetização como um ato mecânico de juntar letras em sílabas e assim por diante, não tendo as condições necessárias para um leitor.

As cartilhas, em que na obra de Emília Ferreiro, ela critica tratando-as como desinteressante e artificial, foram muito usadas no passado, mas hoje em dia, as cartilhas se transformaram em apostilas ainda descontextualizadas e nada atrativas para as crianças. Para ela, a leitura e alfabetização deve ser feita através de diferentes fontes para assim, alimentar e criar um ambiente alfabetizador e estimulante para a criança.

A escola continua sendo o maior acesso das crianças ao mundo da leitura, mas se ela for tomada como um conteúdo escolar somente e não como um olhar para o futuro e formação de leitores desenvolvidos, a leitura continuará sem sentido como o antigo uso das cartilhas, descontextualizadas do mundo da criança.

A teoria das escolas como aprendizado é sempre “vamos aprender a ler”, não o contrário, “ vamos ler para aprender”. Essa inversão pode não parecer significativa, mas ela traz a ideia de que lendo nós aprendemos e assim podemos ler o resto do mundo, aplicando essa competência em todas as outras disciplinas e situações.

A escola ainda se encontra presa a paradigmas antigos onde a repetição de sons vocálicos era suficiente para atingir o objetivo de “saber ler”. A leitura com significado, para muitos, ainda é um desafio. Sair da zona de conforto, trazer textos que sejam pertencentes à realidade de seu aluno, textos que os façam se transportar para outros mundos, que estimulem valores e sentidos, a maioria das vezes, não acontece.

Em uma perspectiva construtivista, o aluno é o construtor de seu conhecimento, criando ativamente, seu próprio aprendizado, a partir das experiências, pesquisas, estimulado e assessorado pelo seu professor e seus colegas, além do conhecimento do mundo que ele já possui e os problemas sociais.

Nesta definição, entende-se que a leitura é uma parte da sociedade em que vivemos, ligada às experiências pessoais de cada um e assim a sua interpretação perante a sociedade. Dissociar essa conexão enquanto estamos lendo é impossível para que se torna importante.

O adulto, professor ou responsável, deve facilitar a entrada da criança no mundo da leitura, trazendo textos de diferentes gêneros como jornais, revistas, poesia, contos, fábulas... para que se estabeleça a conexão com o mundo real e assim ela o compreenda.

Então, a leitura tem sua importância e grande na infância de pequenos leitores que se apropriam da história, tornando-se parte dela e criando pontes de conhecimento para que se firme uma semente de que, no futuro, sejam mais leitores ainda e mais promissores.

#### **4. Projeto Contação de Histórias**

O projeto foi realizado em uma escola pública estadual, em Campinas, em um bairro da periferia localizado na região norte da cidade. A escola trabalha com as séries iniciais, anos finais e ensino médio, além de EJA. O projeto foi realizado no contexto de uma disciplina de estágio de ensino fundamental I, ministrada pelo prof. Dr. Guilherme do Val Prado Toledo. A maioria dos alunos são do bairro vizinho, poucos moram no bairro da escola, outros moram em outros bairros próximos.

A atividade foi realizada com alunos do 1º ano, pois são alunos que ainda não se adaptaram ao novo ambiente escolar, onde existem mesas e carteiras enfileiradas, a rotina escolar ainda não faz parte de uma maneira tão forte. Podemos dizer que são crianças em que o imaginário e a leveza estão ainda presentes, decorrentes das práticas vividas nas creches. Quanto mais novas as crianças entrarem em contato com a leitura, mais promissor o desenvolvimento leitor.

O projeto foi desenvolvido com o objetivo de incentivar nas crianças o gosto pela leitura através da contação de histórias. Também tínhamos como proposta observar como cada criança reagiria e se sentiria a partir das leituras realizadas.

A atividade foi realizada na sala de leitura que é um ambiente destinado a esse momento, onde possuem desenhos nas paredes que integram a leitura, a imaginação com as crianças, estantes cheias de livros próprios para cada idade, pufes e almofadas para se sentarem no chão e ficarem mais à vontade.

Também em outros dias, realizamos a contação no pátio da escola, todos sentados no chão, sem nenhum problema. É raro os alunos saírem da sala de aula, durante a semana, eles têm aula de inglês e educação física, que é o momento que eles saem

do ambiente da sala de aula. Então, sair por mais que seja apenas para o pátio, já é um grande avanço para eles.

Para a seleção das histórias, o que foi levado em conta, foi a idade, a maioria dos alunos está entre seis e sete anos. Faixa etária que é recomendado, segundo Ganzola, historias com caráter mágico, livros com animais, pequenas poesias, poucos personagens e enredo de fácil entendimento.

Para minha alegria, a escola é bem equipada com livros, apesar de não estarem organizados por falta de funcionários para cuidarem da sala de leitura, há muitos livros na sala, para as diferentes idades, além de livros em grandes quantidades para se ler junto com os alunos.



O primeiro livro escolhido foi “Histórias Encantadas Africanas” de Ingrid Biesemeyer Bellinghausen, editora RHJ. É um livro que traz três histórias africanas, contadas de maneira simples, rápida e bem escrita.

Disponível em: <https://www.livrariacultura.com.br/p/livros/literatura-internacional/historias-encantadas-africanas-42137516> Acesso dia 08/12/2017.

O livro é cheio de símbolos e desenhos que vão representando a história, além de ser bem colorido e representativo. Deste livro, duas histórias foram escolhidas, a primeira “Baobá: a árvore de ponta cabeça” e “Os filhos do fogo”.

### BAOBÁ: A ÁRVORE DE PONTA-CABEÇA

No início dos tempos, quando o Deus criou o mundo, primeiro fez as águas e as terras. Depois admirando a paisagem, criou diversas espécies para viver o resto dos tempos.

A primeira árvore que fez era bem grande e forte : foi um baobá.

O baobá nasceu ao lado de um rio de águas tranquilas, onde se refletia e acompanhava seu próprio crescimento.

Atento, observava a natureza ao redor, os outros tipos de plantas e flores.

A enorme árvore tinha tudo para ser feliz, mas parecia insatisfeita e descontente.

- Por quê não tenho flores o ano inteiro? - Indagava o baobá.

- E por quê não tenho flores de várias cores? - Assim prosseguia por horas.

O baobá sentia inveja das outras espécies.

Inconformado, chamou o criador e fez exigências sem fim.

- Não reclame, você é perfeito: dá frutos deliciosos, sementes, flores, sombra e até água! - Disse o Deus.

No entanto o baobá não desistia. Seguiu o criador por toda a África, fazendo suas queixas. Dizem que é por isso que há baobás por todo o continente!

- Não posso acreditar que é infeliz! Justo você, que caprichei tanto! - Insistia o Deus.

A árvore continuava reclamando.

Chegou o dia em que o criador não aguentou mais ouvir lamentações:

- Chega de blábláblá!- Disse aborrecido.

Então arrancou o tronco da terra e plantou o baobá de novo, com as raízes viradas para cima!

Mesmo de ponta-cabeça, o baobá continuou crescendo encantador, único e maravilhoso.

Será que hoje ele pensa diferente?

Essas histórias foram escolhidas pois não são comuns, são contos cheios de significado e diferentes olhares sobre uma cultura. A primeira narrativa traz valores como aceitação, diversidade, consequência, inveja, descontentamento.

Valores que fazem uma criança refletir sobre a vida de maneira singular, ali no momento na contação, o foco não era uma reflexão profunda sobre o que o livro traz, mas apenas o sentir, o olhar e o pensamento sobre o conto.

Quando essa narrativa foi apresentada aos alunos, eles gostaram, prestaram atenção, ficaram atentos ao que estava acontecendo. Fato, que segundo a professora, muitas vezes só é conseguido a base de gritos e ameaças.

A questão da contação é chamar a atenção para o que vai acontecer, eu não sou especialista em contar histórias, mas fiz meu melhor para as crianças. Para que isso pudesse acontecer de maneira que os objetivos dessa pesquisa fossem atingidos, uma preparação foi feita.

Foi preciso estudar a narrativa, sentir e vivê-la, contar dramaticamente, conhecer quem são os personagens, qual o clímax da história e a finalização. A voz, que é um elemento importante, tem que ser imposta de maneira clara, para que se seja

agradável ao ouvinte. Não é necessário pedir silêncio antes de começar, pois quando percebem que este momento é importante, o silêncio já faz parte do dia. Ficar interrompendo a história para pedir que fiquem quietos atrapalha no andamento do conto.

Como dito anteriormente, a contação de histórias requer um estudo para que possa ser efetiva de maneira que atinja todos os objetivos planejados. Segundo Sisto (2001 apud SANTOS, 2007), é necessário que haja uma adequação da história de acordo com a idade, por isso a seleção foi baseada na idade das crianças. Também o uso da voz como um prolongamento do corpo, onde ela deve ser utilizada, não somente com a timbre, tom, mas sim, com a ideia de que com as palavras será possível criar sensações sensoriais no ouvinte. Assim como o corpo precisa ser esticado para dar intensidade a história.

Feito isso, a contação se iniciou. Eu desapareci e a história se fez presente. Como a narrativa é curta, os alunos gostaram bastante, durante o momento, prestaram atenção se comportaram, foi um tempo diferente, mas proveitosos. O que pude perceber é que as reações que eles tiveram foram inesperadas. Pensava que a história não os atingiria desse jeito, mas realmente eles gostaram.

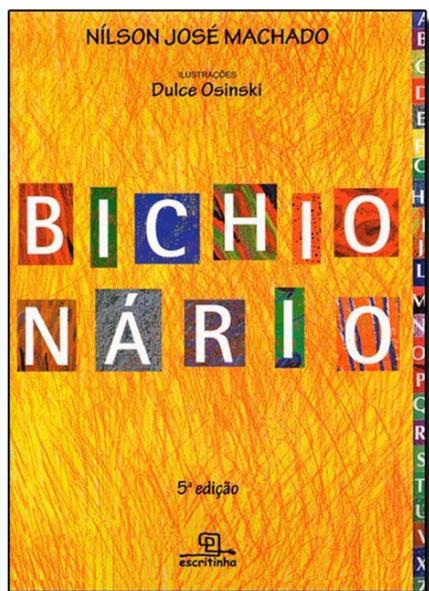
Na conversa que tivemos depois da história, perguntei o que eles sentiram durante a história e muitos disseram que se sentiram tristes pelo que aconteceu ao Baobá, mas outros disseram que ele teve o que mereceu, outros foram ainda mais profundamente, dizendo que não se sentiam como o Baobá era visto por todos, menos por ele mesmo: perfeitos, se sentiam justamente o contrário, viam defeitos em si próprios, se julgavam, sentiam como se faltasse algo para completar sua beleza.

Nesta etapa, percebi que a primeira história já havia causado um impacto neles, que já havia cumprido seu primeiro papel como modificadora da realidade, como prazer, lúdico.

A outra história que lemos sobre “Os filhos do fogo” foi polêmica. Como trata da criação do ser humano, muitos alunos são evangélicos e católicos e fizeram a ligação da história com a crença deles. Não houve nenhum problema em relação a isso, mas é um ponto para se chamar a atenção pois apareceu na conversa posterior a história.

A conversa que tivemos depois da contação foi produtiva, eles realmente tomaram posse da história pois se perguntavam como será que as pessoas eram feitas e cozidas, como dava certo. Além da diversidade de cores relacionada a diversidade que temos na sociedade, eles perceberam que encontramos isso na sociedade atual.

O segundo livro que lemos foi “Bichonário” do autor Nilson José Machado, onde conta sobre as letras do alfabeto na forma de poesia, cheio de rimas e alusões aos animais e suas características. Cada letra uma poesia, um livro colorido, montado de maneira a acessar cada letra e sua história individualmente.



Disponível em: <https://www.ciadoslivros.com.br/bichionario-617289-p198344> Acesso dia 08/12/2017.

Para um professor, esse livro seria um prato de cheio para trabalhar conteúdos em sala de aula, mas não era o nosso foco aprender a ler, construir palavras ou fazer uma redação, e sim qual o sentido que aquela leitura produzirá nos alunos.

Por ser um livro sem uma história seguida e sim vários poemas sobre o alfabeto, a cada letra lida uma reação diferente. Muitos riam, outros ficavam em silêncio, outros não gostaram tanto do livro como me disseram depois, outros preferiam outro tipo de história. Esse livro não fez tanto sucesso como eu imaginei que fizesse, mas de qualquer maneira, eles, num olhar geral, gostaram do livro.

Essas foram as três histórias escolhidas para esta pesquisa, por causa do tempo, não tivemos tempo para ler muitas histórias, pois se não atrapalhávamos a rotina da professora da sala.

Agora, a partir desse breve relato, iremos analisar as consequências imediatas e a longo prazo, desta prática.

Quando terminamos o estágio, a professora nos contou que alguns alunos pediram para ir até a biblioteca ou a sala de leitura para ver quais livros que tinham lá e quais eles poderiam pegar.

Eles ainda não alfabetizados, não sabem ler letras, mas a leitura que eles possuem de imagens e símbolos é o suficiente, no momento, para que o início da leitura seja estabelecido.

As reações geradas durante a contação e depois também foram significativas para as crianças e para mim. Saber que um conto os atingiu de maneira a pensar sobre a vida, sobre suas próprias experiências, sobre valores que não estavam explícitos, sobre tantos pensamentos, foi gratificante e importante.

A longo prazo, não teremos acesso a esses dados pois não é uma pesquisa de meses e sim somente alguns meses de estágio. Mas, como foi dito anteriormente, o estímulo à leitura, segundo pesquisas, é gradativo e se feito na infância, existem grandes chances dessa criança ser um leitor ativo e proficiente, dotado das habilidades para leitura do mundo.

Também foi realizada uma conversa com as professoras dos anos iniciais do 1º ano para saber o que elas acharam do projeto, se para elas foi importante ou não, quais as expectativas que foram atendidas, o que pode ser feito para melhorar, além de questões mais específicas sobre leitura como o que é leitura para cada uma, quais as práticas leitoras que fazem parte do dia a dia das crianças, se a contação é importante para ela e qual o impacto na vida das crianças.

Reunindo todas essas respostas, entende-se que o professor enxerga o valor da leitura, entende que para alcançar o letramento não podemos nos ater apenas a livros sem significado e conexão com o mundo em que a criança vive. Mas que

ainda vivemos em uma escola pública que prioriza somente o “aprender a ler e escrever” e a cobrança é grande para que cada vez mais cedo essas habilidades sejam atingidas com perfeição.

O conteúdo que o Estado propõe para as crianças, muitas vezes, se prende à alfabetização sem significado, reproduzindo uma escola antiga que não pensa nas múltiplas linguagens da criança e nem a leitura em diferentes lugares.

Textos e livros só servem como conteúdo escolar, tendo uma interpretação de texto, ou “encontre os substantivos”. Não trazendo o prazer de ler para dentro da sala de aula, mas apenas o utilizando como ferramenta para um fim e não como o começo.

As professoras dizem que levam seus alunos, quando é possível, para a sala de leitura, para pegar livros ou para ler com eles na sala, então a contação acontece de um jeito simplificado, mas contribuindo para a formação leitora de cada criança.

Então, a partir da prática vivenciada e também do aporte teórico explicitado nos capítulos anteriores, podemos entender que a contação de histórias trabalhada da maneira correta, sendo utilizada como instrumento de formação leitora e de prazer também, gera nas crianças o desejo de saberem mais sobre os livros e a leitura em si como personagem.

Como Vygostky (1993) nos mostra que a leitura é um ato individual e social em que o autor se manifesta solitariamente para criar suas próprias expectativas em relação a vivência leitora, criando em si, pontes para acessar o mundo leitor e assim transformá-lo.

## **5. A leitura como forma de aprendizagem e prazer na escola**

Segundo a história da educação brasileira, desde o século XIX, a escola de ensino fundamental via o aprendizado com o foco na transmissão do “saber ler e escrever”, assim como regras da gramática, regras ortográficas, disciplinas como Ética e Moral Civil, para ensinar às crianças como se comportar, o que se pode ou não fazer, saber quais são os hinos do Brasil, decorar toda as terminações verbais e etc.

A cartilha, método tão idealizado por alguns, teve seu papel importante para que a leitura e escrita fossem mecanizados, com repetições sem sentido e significado para a criança, usando o clássico exemplo “Ivo viu a uva”.

A partir do século XX, houve uma tímida mudança nos conceitos de leitura e escrita na escola para tentar trazer para a sala de aula o uso social da língua, se apropriando de textos que antes não eram utilizados pelos educadores como quadrinhos, revistas, mapas, quadros, tabelas, etc.

O objetivo era trazer a leitura para uma realidade mais atrativa para os alunos, de forma que assim, aumentasse o número de crianças proficientes na leitura, mas o que se vê, na verdade, é a falsidade dessa afirmação.

Poucas escolas e professores incluíram na rotina essa premissa, muitas escolas ainda seguem o modelo tradicional, se baseando apenas no livro didático para ensinar e sem buscar diferentes fontes de conhecimento.

Aquelas escolas que seguem a linha do construtivismo, muitas vezes, encontram barreiras para prosseguir com esse tipo de ensino, já que certos pais e responsáveis, não veem a aprendizagem eficaz com este método, como a maioria aprendeu de maneira tradicional, o novo não é bem aceito e compreendido.

Mesmo assim, não podemos julgar que tudo é mal. Existem escolas públicas que se empenham em buscar uma aprendizagem significativa para seu aluno, apesar dos percalços que a escola enfrenta.

Quem mais sofre, segundo pesquisas, continua sendo a classe mais popular, que só terá acesso a livros e estudo quando forem à escola.

O desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou a solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária. (LERNER, 2002, p. 28 apud ROSA, 2005).

Desde pequenos, as crianças curiosas observam o mundo que as cerca, olhando atentamente para tentar descobrir o que é cada parte da sociedade. O adulto, neste sentido, tem o papel de mediação nesta descoberta em que ainda a criança não é letrada mas lê tudo que observa.

A oralidade na vida da criança chega através da linguagem, que pelos gestos e olhares é possível saber o que está acontecendo. O bebê pode não saber usar ainda as palavras verbais, mas se expressa usando o choro, olhares e sorrisos.

Ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados. (KLEIMAN, 1998, pág. 10 apud PADILHA, SOUZA, 2015).

Isto reflete então que quando ativamos a leitura em nossas vidas, toda nossa bagagem cultural, social, familiar, vivências são construídas juntamente com o texto lido. Isto mostra também a não exclusão do sujeito leitor, sendo ele alfabetizado. É mostrar que existe alguém que é leitor até mesmo antes do texto.

No aprendizado, não podemos afirmar que somente existe uma forma de aprender e ensinar. Com formar cada vez mais plastificadas, o que se deseja é a

homogeneidade da turma para que a ilusão de trabalhar mais facilmente seja cumprida.

O que se sabe, na verdade, é que não podemos esperar uma sala de aula com pessoas iguais, com tempo de aprendizagem igual e assim práticas sociais iguais. Viveríamos em um mundo de robôs.

Muitos são os desafios encontrados pelo professor para auxiliar o aluno na descoberta da leitura como a falta de livros, recursos pedagógicos, estímulos pessoais, salário baixo entre outros fatores. Não podemos dizer que apenas por amor o professor trabalha em uma escola, a falta de subsídios contribui para esse desânimo que afeta muitos profissionais da área.

Sabe-se que a tentativa de estimular o aluno pequeno na leitura é uma tarefa árdua, mas recompensadora, torna-os leitores críticos, que tenham a capacidade de refletir e modificar a sociedade que vivem, é um ato de bravura.

O próprio governo nos mostra nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) que se priorizem textos que caracterizem o uso público da linguagem. Quer dizer, textos que sejam propícios para estudar a gramática e toda a aparelhagem da língua sem estar ligada ao significado.

Muitos professores se queixam que seus alunos “não sabem ler” ou “ não gostam de ler” ou “não aprendem a ler”. A ideia de leitura, então, está ligada muitas vezes ao fracasso, onde estamos em uma escola que não existem professores capazes de ensinar nem alunos com vontade de aprender.

Colocando num olhar generalizado, essa é a verdade de muitas escolas, mas não podemos deixar de olhar para as experiências positivas que encontramos no

caminho. Esse fracasso se dá pela história da escola pública. Isso não se aplica somente na esfera da leitura e escrita, mas vai além, olhando a escola como um todo.

Mas o papel da escola continua sendo o mesmo: educar. Parece ilusório dentro das condições que já observamos, mas o foco da escola, mesmo assim, deve ser o educar. E o professor, neste contexto, de projetar em seu aluno, um futuro leitor é fundamental.

O professor deve ser o mediador na construção do conhecimento leitor de seu aluno. Não o ensinar apenas a decodificar palavras, mas sim se apropriar delas e ser um agente transformador fazendo uso de seu poder leitor.

Dentro da visão construtivista, o aluno é aquele que constrói seu saber a partir da interação com o meio e seus colegas. Instigado pelo professor a desenvolver a curiosidade, o aluno saberá se desenvolver e construir suas ideias.

Mas para isso acontecer, a escola deve estar pronta para buscar esses ideais e aplica-los em sala de aula. Práticas leitoras que sejam estimulantes são fundamentais para esse desenvolvimento. O aluno compreender que a leitura não é somente um instrumento de aprendizado teórico, mas também e principalmente, um mundo onde ele irá conhecer a si mesmo e o outro.

Charmeux explica que

ensinar a leitura, portanto, é colocar em funcionamento um comportamento ativo, vigilante, de construção inteligente de significação, motivado por um processo consciente e deliberado, e isto desde o próprio início da escolaridade das crianças, e mesmo antes que elas cheguem à escola [...] tudo que não conduzir diretamente a este resultado não pode pretender ser

uma aprendizagem de leitura. (CHARMEUX, 1995, pp. 88-89 apud SCHWARZBOLD, 2011)

Práticas leitores envolvem mais do que trazer diversos gêneros para interpretação, resposta de questões e um resumo pós leitura. Envolve trazer o aluno para se apropriar daquele texto, saber sua importância dentro de uma sociedade, fazer uso dele.

Outras vezes, o professor se vê preso à uma estrutura de aula pronta e determinada, que não se pode alterar, onde terá que seguir atentamente todos os procedimentos que aquece livro didático ou apostila trazem, sem a liberdade de escolha.

O que, na verdade, pode se tornar muito cômodo para alguns, que sem o interesse de trazer algo a mais para seus alunos, se acomodam em aplicar a mesma aula por anos e sempre se utilizando dos mesmos matérias e textos, apesar do mundo estar em constante mudança.

Neste tipo de abordagem, o professor na realidade, não está levando em consideração o que o estudante realmente tem a dizer ou pensar sobre o assunto. Em questões fechadas, em que só existe uma alternativa como resposta, a leitura não está sendo estimulada, e sim apenas usada como um instrumento para preenchimento de lacunas.

É possível sim realizar os dois movimentos, aqui não está sendo dito que aprender a interpretar textos ou conhecer regras gramaticais não sejam importantes, mas que podemos ir além disso e não nos prendermos a essa ideia, para desenvolver a mente leitora mais ainda.

Neste sentido, seria interpretar levando em conta o conhecimento prévio do leitor que se relaciona com o que é lido, trazendo a compressão global do texto e assim criando nexos com quem lê, o que lê e o mundo ao redor.

Leffa (1999, pág. 22-24 apud SCHWARZBOLD, 2011), nos mostra que a leitura com sentido deve ter algumas hipóteses:

- ler consiste em usar estratégias: cada tipo de leitura exige, por parte do leitor, uma prática diferente;
- ler depende mais de informações não-visuais do que visuais: a memória do leitor comanda sua leitura;
- o conhecimento prévio está organizado em esquemas: esses possibilitam que o cérebro organize as experiências vividas e as acione sempre que necessário;
- ler é prever: a leitura só é possível porque o leitor usa seu conhecimento prévio para direcionar a trajetória da leitura;
- ler é conhecer as convenções da escrita: o leitor precisa conhecer e dominar as convenções da escrita (símbolos, códigos, sistemas, relações) para compreender de maneira eficiente o texto lido.

A leitura não tem um sentido pronto pois se tomamos essa premissa, todos os livros já produziram todas as explicações possíveis e a bagagem que temos na vida não nos serve para nada na leitura dos livros.

O professor deve ter consciência desse fato. Seu aluno possui um histórico de vida, de leitura, de aprendizado, de dificuldades e isso fará parte do momento em que a construção leitora está se formando.

Textos que já possuem uma moral no final, por exemplo, poderão ser redescobertos a partir do olhar individual do aluno, trazendo observações diferentes para um mesmo texto. Não se pode se prender a uma única visão sobre algo.

Chimamanda Adichie em sua conferência para um site chamado TED, nos conta o perigo da história única, este trecho reflete a vida escolar de um aluno e leitora se nos atentarmos apenas para um aspecto:

Eu sempre achei que era impossível relacionar-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem relacionar-me com todas as histórias daquele lugar ou pessoa. A consequência de uma única história é essa: **ela rouba das pessoas sua dignidade**. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes.

Existem professores que sem perceber, engolidos pelo sistema e cansados pelo descanso, estão “roubando a dignidade” de seus alunos. Trazendo que apenas a visão deles e a SUA interpretação está correta, que a visão do aluno está errada porque ele conhece menos do que você, ou porque ele é um aluno e o outro, o professor.

Práticas literárias que reconhecem a importância que cada um tem, professores que estão dispostos a mudar, práticas que envolvem mais do que ler, mas ler por prazer, para se modificar, para repensar e pensar outra vez, ler sem cobrança de notas ou pontos positivos, ler por ler.

A leitura pelo prazer começa no professor, quando ele é leitor e demonstra isso para seus alunos, eles também são estimulados pelo exemplo a ler. Então se o professor toma essa atitude de ler com seus alunos, para seus alunos usando da contação de histórias ou não, esse despertar inconsciente já está acontecendo.

Ler por fazer está relacionado também a relação que o professor possui com os livros, um professor e um ambiente leitor traz a diferença para a realidade da leitora do aluno. Livros nas bibliotecas e salas de leitura devem ser cada vez mais expandidos como ambientes propícios para o desenvolvimento da criança leitora.

## **6. A biblioteca e a sala de leitura como lugares inexplorados**

Antigamente, sim antigamente, era comum ver bibliotecas cheias, com alunos fazendo pesquisas, abrindo livros e procurando arduamente as respostas para as respostas do professor, indo até a biblioteca municipal para retirada daquele livro que seu professor pediu para ler, ou receber em casa as clássicas enciclopédias que continham todo o conhecimento do mundo.

Pois é. Essa era que vivíamos praticamente não existe mais. Vivemos em um mundo digital onde podemos encontrar tudo no clicar de um link, muitas vezes, sem precisarmos até digitar, um comando de voz resolve o que queremos saber.

Médicos, dentistas, psicólogos, professores, químicos, tudo pode ser encontrado na rede digital e assim, não precisamos mais das bibliotecas, certo? Errado.

Não é somente a busca pelo saber que esses espaços como a biblioteca e a sala de leitura proporcionam para nós e sim como o próprio local nos afeta e atinge nossa habilidade leitora.

A biblioteca consegue contemplar várias habilidades que compõem a leitura como a autonomia, desenvolvimento do estudo, leitura informal e prazerosa, rotina de contato como livros físicos.

Logicamente que a biblioteca não oferece recursos somente ao aluno, mas também ao professor que se utilizando do espaço, pode alcançar seus objetivos mais eficazmente como o letramento, formação de leitores, despertar da curiosidade dos alunos, melhorar sua formação acadêmica, etc.

Muitas crianças só conhecer a biblioteca quando seu professor vai até o espaço com eles, dizendo muitas vezes “ Não mexam em nada”, para retirada de um livro

previamente escolhido pelo professor. E assim é entregue o livro e nada foi aproveitado daquele espaço.

Muitos alunos não conhecem muitas vezes o espaço da biblioteca ou nem sabem que existe, isso se deve ao fato do professor muitas vezes não ter tempo dentro de sua rotina ou pela sua falta de interesse em levar seus alunos a esses lugares porque eles podem quebrar, desorganizar, sujar e etc.

Deve-se entender que hoje em dia, a biblioteca não é mais aproveitada como deveria, a tecnologia nos fez o “favor” de deixar isso bem claro. Mas isso não quer dizer, que práticas literárias não possam ser exploradas com o uso da biblioteca.

Outro fato que contribui para a diminuição das visitas à biblioteca é o que o Estado não possui mais uma pessoa que fica responsável pela biblioteca como antes. Antes, muitas escolas abriam suas bibliotecas no intervalo das aulas para seus alunos ficarem no espaço, lendo, para retirar livros ou estudar, mas hoje em dia isso não é possível, pois não há mais esse cargo nas escolas.

Na multifunção que o Estado espera que o professor, coordenador tenha e faça, a biblioteca fica abandonada pois não há um profissional que se responsabilize pelo cuidado e organização do espaço.

O coordenador, que já não tem muito o que realizar, fica responsável na medida do possível, o professor quando tem um tempo dentro de sua apertada rotina, corre para a biblioteca na tentativa de retirar algum livro ou verificar se possui no acervo.

Este espaço está abandonado nas escolas, pela falta de investimento, pela falta de profissionais, pela falta de muitas coisas.

Segundo MEC (apud WERTHEIN, Correio Braziliense, 10 abr. 2005),

“Calcula-se que, no País, 73% dos livros está concentrado nas mãos de 16% da população, e ainda, segundo dados do IBGE, 89% dos municípios não têm bibliotecas públicas e 65% não possui livrarias, nem lojas de música. As bibliotecas equipadas estão localizadas nas zonas urbanas ou nas áreas centrais das cidades.”

Este dado revela o que a maioria das escolas brasileiras vive. Se 89% dos municípios brasileiros não possui uma biblioteca, como desejamos explorar a leitura sem livros? O incentivo que vem do governo é baixo para isso, juntamente com a falta de interesse dos alunos, encontramos uma geração de não leitores proficientes.

Escolas recebem, às vezes, coleções de livros que nunca chegam nas mãos dos alunos, por causa da desculpa que eles irão estragar, jogar fora queimar, qualquer coisa, menos ler. E por isso, seguram esses livros em quartinhos fechados, depósitos de livros e mais livros que nunca serão utilizados.

As bibliotecas também estão vazias, encontramos escolas que, segundo pesquisas, não possuem nem livros didáticos e muito menos, literários. Esses espaços bem equipados encontram-se nos grandes centros urbanos, mas não em escolas da periferia, ou zonas rurais. Mais uma vez, o poder leitor está na mão de poucos.

Além desse detalhe, sabemos que grande parte da população brasileira não tem acesso aos livros pelo custo alto que possuem. Em um exemplo extremo, o dinheiro que uma mãe daria para seu filho comprar um livro, tem que ir para a panela.

A única opção para muitos ainda é a escola para se ter acesso aos livros. E quando a escola não possui esses recursos para ajudar esse aluno a desenvolver a habilidade leitora, a maneira é encontrar outros meios para conseguir cumprir essa tarefa.

O trabalho do professor para o acesso à leitura se completa na biblioteca. Neste espaço, a autonomia do aluno é testada e com a orientação do professor, este espaço se torna mais prazeroso e bem aproveitado.

As portas da biblioteca devem sempre estarem abertas para os alunos, o que não acontece, já que em muitos lugares, ela fica fechada a sete chaves e sem acesso livre dos alunos. Esse acesso livre deixa o aluno com mais curiosidade, independência e liberdade para criar suas experiências a partir do que pessoalmente procura.

Seria interessante se esses espaços se tornassem polos de cultura onde as pessoas se encontram para ouvirem histórias, estudarem juntos, fazerem pesquisas, ler deitados em pufes e sofás, sarais, hora do conto e tantas outras atividades que poderiam ser desenvolvidas neste espaço.

A sala de leitura, agora, se encaixa no papel de espaço de prazer e leitura. O projeto da Sala de Leitura do governo do Estado de São Paulo tem como objetivo incentivar a leitura e apoiar o currículo escolar.

Segundo a definição da Secretaria,

“As salas, arejadas e equipadas com mesas e cadeiras, abrigam o acervo da Sala de Leitura, coordenada por professores e aberta durante a semana nos três períodos de aulas (manhã, tarde e noite). [...] Mais de 3 mil escolas estaduais já possuem Sala de Leitura. Mas esse número só tende a crescer. ”

Gostaria de ver essa realidade na prática, segundo dados, mais de 600 municípios já possuem essa sala. A ideia é muito boa, criar um espaço em que os alunos tenham a liberdade da leitura, onde possam explorar o espaço, com a ajuda ou não de um professor.

Somente atentando a um fato do texto, em que diz que a sala é coordenada por professores, então seria mais uma função que o professor deverá cumprir em sua pequena jornada?

Se a sala de leitura, for utilizada e construída da maneira que o governo diz que fará, será realmente proveitoso para o aluno e professor um espaço onde a leitura possa caminhar livremente e sem pesos pedagógicos.

Então, apesar das contradições que vivemos com as bibliotecas e salas de leitura, entendemos que o papel do livro é muito importante na construção da formação do leitor, e mesmo que o acesso seja restrito ainda a população mais rica da sociedade, existem iniciativas públicas e privadas que timidamente, vão tentando modificar a sociedade para um Brasil leitor, logicamente, colocando em primeiro lugar, o papel de herói dos professores que lutam, mesmo contra as expectativas.

## **7. Considerações Finais**

O leitor promissor, aquele que se espera que se aproprie do mundo em que vive, modificando-o de acordo com suas crenças, valores e conceitos, tem seu início em práticas leitoras, que muitas vezes, foram esquecidas e trocadas por outras mais tecnológicas.

Esse leitor que é estimulado na infância dentro e fora da sala de aula, trazendo com a contação a sua bagagem cultural e os indícios que irão levá-lo a se apropriar da linguagem de maneira que, no futuro, com as construções que a vida e ele mesmo se propuser, ser um leitor, promissor.

A contação de história, parte importante da cultura popular, se faz presente nas escolas para cumprir seu papel de levar a criatividade, diversidade e imaginação para crianças e adultos.

Dentro dessa prática tão milenar, crianças se desenvolvem, criando expectativas, desejos, se conhecendo melhor, aprendendo valores e reconhecendo o outro e a sociedade em que vive.

Trazer histórias para ilustrar o quanto é importante reconhecer o papel da leitura em sala de aula é uma das estratégias que o professor pode se valer para dinamizar o processo de formação do leitor e ampliar os conhecimentos dos alunos.

Não se pode esquecer que a contação e nem a leitura se esquecem que existe um leitor e ouvinte que tem uma história também que influencia nas conclusões e experiências que ele tira a partir da prática.

A contação, nas escolas, quando feita, é praticada pelos professores, que muitas vezes não possuem uma formação específica para isso, mas que desejam que seus

alunos tenham momentos únicos com a literatura e assim, despertem o interesse para a leitura.

Despertar para a leitura é descobrir um mundo que nos cerca e nos apropriar dele, dizendo que é nosso e que assim eu posso modificar de acordo com a bagagem cultural que temos,

O professor, com seu conhecimento prévio e saber, tem ferramentas que pode utilizar, além da contação para ajudar seu aluno a desenvolver a habilidade leitora. Ter uma biblioteca dentro da sala de aula, requisitar que escolham livros na biblioteca, fazer rodas de poesia, trazer livros grandes que tenham dobraduras, etc.

Sabemos que no mundo digital que vivemos, muitos perdem o interesse pela leitura, já que somos bombardeados por imagens cada vez mais explosivas e coloridas onde o livro tem perdido seu espaço para outras tecnologias.

Apesar disso, a contação ainda resiste ao avanço tecnológico e não deixa de encantar os ouvintes, além do que traz inspiração, troca de experiências, convívio, elementos que fazem parte da sociedade. Mas, através de práticas atrativas, a conquista de novos leitores pode ser feita para criar o desejo leitor em cada aluno.

Entende-se também que é de extrema importância que quanto mais cedo, a criança seja estimulada no mundo leitor, mais proficiente ela será no futuro. Pesquisas mostram que crianças que foram estimuladas desde pequena, tem um melhor desempenho escolar, leitor, maior criatividade e facilidade de estudos.

Por isso é tão importante para que essa prática não seja apagada com o tempo, e sim na verdade, perpetuada e ampliada como parte da rotina escolar, onde livros e textos não sejam apenas utilizados com propósitos gramaticais e interpretativos.

Neste momento da contação, o lúdico é ativado na criança e as diversas linguagens da criança, o consciente e o inconsciente é provocado, causando reações que serão vistas a longo prazo.

O processo de letramento é onde a criança cria significado a todas as letras e palavras que é apresentada, criando sentido e não sendo uma aprendizagem vazia e sim com significado, fazendo ela pensar e analisar, com os conhecimentos que ela já possui e assim, criar a ponte pessoal para aprender a decodificar o mundo leitor em que vive.

Um desinteresse generalizado pela leitura que se segue nas séries escolares pode ser causado pela forma como os professores trabalham a leitura. Se atentando apenas a conteúdos prontos, livros e apostilas com respostas prontas, sem importar com o conhecimento prévio desse aluno.

A literatura se torna um caráter funcional e o aluno vai perdendo o interesse, achando que o livro só tem a função dentro das aulas de alfabetização ou português e não tem o poder de trazer o prazer.

A contação tenta quebrar essa barreira entre o livro e o leitor através da provocação de emoções, sentimentos e pensamentos. Trazer a contação para dentro da sala é uma das formas de ajudar o aluno a deixar esse medo para trás e se apropriar do livro e do mundo leitor.

Concluiu-se que a contação de história deve ser aproveitada por sua facilidade de acesso e diversas formas de aprendizado, entende-se que a cultura oral deve ser valorizada e preservada para que outras áreas, além da contação sejam exploradas dentro do espaço escolar e fora.

## 8. Bibliografia

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.

BASÍLIO, Andressa. Ler para as crianças. Veja a importância desse hábito. Revista Crescer, 2013. Disponível em:

<http://revistacrescer.globo.com/Crianças/Desenvolvimento/noticia/2013/06/ler-para-criancas-veja-importancia-desse-habito.html>

BRAGA, Maria Alice da Silva. A importância da leitura. Revista Canoas, nº 12, edição de julho/dezembro, de 2005. Páginas 63-66.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras / Secretaria de Educação Básica, Coordenação-Geral de Materiais Didáticos; elaboração Andréa Berenblum e Jane Paiva. –Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CÉSAR, Cíntia. et al. AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INCENTIVO À LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Revista Interação, ano X, nº 2, 2º semestre de 2014.

CHIMAMANDA, Adichie. O perigo de uma história única. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>

COELHO, Késia. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO TEÓRICO. 2015. (Dissertação de Pedagogia) FAP, 2015.

CSUCSULY, Jeniffer Adriane Santos. LEITURA PARA BEBÊS DE 0 A 3 ANOS: PREDITOR DE SUCESSO ESCOLAR. 2013, 13 f. Tese (Dissertação da Pedagogia), Universidade Federal de Maringá, 2013, Maringá.

GAZOLA, André. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – O GUIA DEFINITIVO. Disponível em: <https://www.lendo.org/guia-definitivo-contacao-historias/>

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1982.

LEFFA, J. Vilson. Aspectos da leitura. Porto Alegre: SAGRA – D.C. LUZZATTO, 1996.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MATEUS, Ana do Nascimento Biluca. et al. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. 2014. 16 f. Tese (Dissertação da Pedagogia) PUC. Minas Gerais, 2014.

PADILHA, Gabriela Fagundes, SOUZA, Fernanda. LEITURA COMO PRÁTICA PARA A FORMAÇÃO DA CIDADANIA. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Gabriela-Fagundes-Padilha.pdf>

RODRIGUES, Suzana Machado. A PRÁTICA DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COMO INCENTIVO NA FORMAÇÃO DE FUTUROS LEITORES. Revista Eventos Pedagógicos Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências v.6, n.2 (15. ed.), número regular, p. 241-249, jun./jul. 2015.

ROSA, Caciací Santos de Santa. Leitura: uma porta aberta na formação do cidadão. 2005. 11 f. Tese ( Dissertação da Pedagogia), Faculdades Jorge Amado, 2005.

SANTOS, Marina Charaba. Nas Asas da Imaginação : A arte de contar histórias, o imaginário e a criatividade infantil. 2007. 81 f. Tese (Dissertação da Pedagogia) UNICAMP, Campinas, 2007.

São PAULO, Secretaria da Educação. Disponível em:

<http://www.educacao.sp.gov.br/sala-leitura/>

SCHNEID, Jucelma Terezinha Neves. HORA DO CONTO: UMA EXPERIENCIA MARAVILHOSA. Disponível em:

[http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/hora\\_do\\_conto -  
\\_uma\\_experiencia\\_maravilhosa\\_REVISADO\\_OK.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/hora_do_conto_-_uma_experiencia_maravilhosa_REVISADO_OK.pdf)

SCHWARZBOLD, Caroline. DESENVOLVER A COMPETÊNCIA LEITORA: DESAFIO AO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL. 2011. Tese ( Pós-graduação em Pedagogia). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2011.

ZEIDAN, Ana Barbara Bueno. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. 2012, Tese ( Dissertação da Pedagogia), UNISALESIANO, Lins, 2012.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes,1993.